

NOAM CHOMSKY

OS SENHORES DO MUNDO

Ensaio e Conferências, 1969-2013

Tradução de
PAULO BARATA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

U M

Conhecimento e Poder: Os Intelectuais e o Estado Social-Marcial*

«A Guerra é a saúde do Estado», escreveu Randolph Bourne num clássico da ensaística aquando da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial:

Desencadeia, automaticamente e ao longo de toda a sociedade, as irresistíveis pulsões de uniformidade e cooperação ardente com o Governo, de forma a coagir a obediência de grupos minoritários e indivíduos que careçam de espírito de manada... Outros valores, como a criação artística, o conhecimento, a razão, a beleza, o aperfeiçoamento da vida, são instantânea e unanimemente sacrificados, e as classes relevantes, que se constituíram como agentes amadores do Estado, não só abdicam destes valores nas suas próprias vidas como coagem todas as outras pessoas a sacrificá-los também.

E ao serviço das «classes relevantes» da sociedade estava a *intelligentsia*, «treinada na dispensa do pragmatismo, profundamente preparada para a ordenação executiva de eventos, e lamentavelmente mal preparada para a interpretação intelectual ou o foco

* Publicado originalmente como «Knowledge and Power: Intellectuals and the Welfare-Warfare State», *The New Left*, ed. Priscilla Long (Boston: Porter Sargent, 1970), pp. 172-99.

idealista dos fins». Eles estão «perfilados ao serviço da técnica de guerra. Parece ter havido uma afinidade peculiar entre estes homens e a guerra. Como se tivessem estado à espera um do outro».¹

Bourne salienta as consequências ideológicas da mobilização nacional: as «irresistíveis pulsões de uniformidade» que incutem obediência ao Estado e subserviência para com as necessidades das «classes relevantes». Podemos ainda acrescentar os benefícios materiais da mobilização para a guerra, evidentes na Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria, quando a intervenção do governo na economia acabou com a Depressão e assegurou o «funcionamento saudável» de uma economia profundamente direcionada para propósitos sociais de destruição e desperdício. Os acontecimentos comprovaram a previsão de Bourne que a mobilização para a guerra iria elevar a *intelligentsia* a uma posição de poder e influência «ao serviço da técnica de guerra». As suas observações podem ser comparadas com as de James Thomson, especialista na Ásia Oriental do Departamento de Estado e da Casa Branca entre 1961 e 1966:

O crescente empenho no Vietname foi impelido por um novo tipo de estratégias militares e cientistas sociais (alguns dos quais tinham entrado para a nova Administração) que tinham desenvolvido teorias de guerra por contraguerrilha e estavam ávidos por vê-las testadas. Para alguns, a «contrainsurgência» aparentava ser uma nova panaceia para lidar com a instabilidade mundial... Há um resultado da nossa política do Vietname que pode vir a tornar-se um perigo para o futuro da política externa americana: a ascensão de um novo tipo de ideólogos que veem o Vietname como o derradeiro teste da sua doutrina... De certo modo, estes homens são homólogos dos visionários da esquerda radical comunista: são os maoistas da tecnocracia. Eles não governam Washington nos dias de hoje — mas a sua doutrina tem influência.²

A esta observação pode-se anexar uma outra referente a um fenómeno paralelo, que tem sido objeto de grande discussão nos últimos anos: «O poder, na vida económica, ao longo do tempo, passou de uma associação com a terra para o capital e, mais recentemente, para a confluência de conhecimento e competências que compreende a tecnoestrutura... [ou seja, o grupo que] incorpora todos os que utilizam conhecimento especializado, talento ou experiência para a tomada de decisões [no governo e na corporação]».³

O papel da *intelligentsia* técnica na tomada de decisões é predominante nas partes da economia que se encontram «ao serviço da técnica de guerra» (ou certos substitutos, como a corrida espacial) e que estão diretamente ligadas ao governo, o que garante a sua segurança e crescimento.

Não é de admirar, então, que a *intelligentsia* técnica esteja, geralmente, empenhada naquilo a que Barrington Moore chama «a solução predatória da reforma simbólica em casa e a contrarrevolução imperialista no estrangeiro».⁴ Num outro momento, Moore sumariza da seguinte forma a «voz predominante da América em casa e no estrangeiro», uma ideologia que expressa as necessidades da elite socioeconómica americana, que é avançada, com mais ou menos subtilezas, por muitos intelectuais norte-americanos e que ganha adesão substancial por parte da maioria que obteve «alguma relevância na sociedade afluyente»:

Podem protestar verbalmente quanto quiserem. Só há uma condição à liberdade que gostaríamos de encorajar: os vossos manifestantes podem ser tão barulhentos quanto possível desde que este barulho não surta qualquer efeito. Apesar de lamentarmos os vossos sofrimentos e querermos acudir-lhes — na verdade, estudámo-los cuidadosamente e discutimos estas questões com os vossos governantes e superiores hierárquicos — qualquer tentativa da vossa parte de remover os vossos opressores pela força é uma ameaça à sociedade civilizada e ao processo

democrático. Tais ameaças não serão, nem deverão ser toleradas. Se recorrerem à violência, poderá tornar-se necessário erradicar-vos da face da Terra por meio de resposta comedida que fará os céus chorarem uma tempestade de fogo.⁵

Uma sociedade onde esta é a voz predominante apenas pode ser mantida através de algum tipo de mobilização nacional de âmbito variável, desde uma alocação de recursos substanciais a uma intimidação credível através da força e violência. Tendo em conta as realidades da política internacional, este empenho só pode ser mantido nos Estados Unidos através de algum tipo de psicose nacional, tal como a suscitada pelas palavras do atual secretário da Defesa, que nos vê «fechados numa guerra real, juntos em combate mortal, no campo de batalha, cada adversário a tentar ganhar vantagem sobre o outro»⁶ — uma guerra contra um inimigo de várias facetas: um burocrata do Kremenin, um camponês asiático, um estudante latino-americano e, sem qualquer dúvida, uma «guerilha urbana» em casa. Vozes bastante mais sãs podem ser ouvidas a expressar uma perspectiva que não será assim tão diferente.⁷ Talvez o sucesso possa ser alcançado através do empreendedorismo nacional anunciado por esta voz predominante. No parecer informado de Moore, o sistema «tem espaço e flexibilidade suficientes para manobra, incluindo para a retirada estratégica».⁸ Em qualquer eventualidade, pelo menos isto é quase certo. O sucesso só pode ser alcançado à custa da desmoralização, o que tornará a vida tão desprovida de sentido para a sociedade afluente quanto é de esperança para o camponês na Guatemala. Talvez a afirmação de que «a guerra é a saúde do Estado» seja verdadeira — mas apenas no sentido em que uma economia é «saúdável» quando o PNB crescente inclui o custo do *napalm*, dos mísseis e dispositivos antitomotim, das prisões e campos de detenção, de levar o homem à Lua, e assim por diante.

Mesmo neste sentido de «saúde», não é a guerra que é a saúde do Estado, na era moderna, mas antes as preparações permanentes

para a guerra. Uma guerra à escala total significa que se perdeu o jogo. Até uma guerra de escala limitada pode ser prejudicial, não só para a economia⁹, como a banca e as reclamações por parte dos executivos aeroespaciais indicam, mas também para o compromisso a longo prazo do recurso à força. O sucesso que o movimento pacifista teve em limitar o ataque ao Vietname adveio, provavelmente, não do seu poder atual mas do perigo inerente à contestação mais generalizada e abrangente da «voz predominante», que Moore escuta devidamente. É mais fácil combater a dissidência quando esta ainda se encontra focada na atrocidade particular do Vietname e defletir um movimento que poderá, se crescer, começar a levantar questões sérias sobre a sociedade americana e o seu papel no panorama internacional. Do mesmo modo, agora ouvimos sobre o erro que foi bombardear o Vietname do Norte (que constituiu uma afronta moral e conseqüentemente ameaçou a estabilidade do corpo político)¹⁰ e o uso de conscritos para combater uma guerra colonial; e ouvimos propostas para um exército de voluntários a «preços de mercado», para que a resistência seja tranquilizada quando o Vietname for reencenado noutra local.

Gostaria de explorar ambos os pontos demarcados por Bourne: a função que a preparação para a guerra tem em garantir a saúde do Estado e as oportunidades que esta condição proporciona ao «novo tipo de ideólogos americanos», acrescentando alguma perspectiva histórica e alguns comentários sobre o que os intelectuais esperam fazer para combater estas tendências.

Tradicionalmente, o intelectual encontra-se dividido entre as exigências contraditórias da verdade e do poder. Ele gostava de ser o homem que procura discernir a verdade, dizer a verdade como a vê, agir — coletivamente quando possível, sozinho quando necessário — de forma a opor-se à injustiça e à opressão, e ajudar na criação de uma melhor ordem social. Se ele escolher este caminho, tornar-se-á numa criatura solitária, desprezada ou injuriada. Se, por outro lado, colocar os seus talentos ao dispor do poder, pode alcançar o prestígio e a riqueza. Pode também conseguir convencer-se

— talvez, por vezes, de forma justa — de que pode humanizar o exercício de poder das «classes relevantes». Pode desejar juntar-se a elas, ou até substituí-las, no papel da administração social em prol da eficiência e liberdade. O intelectual que ambicione esta posição pode usar a retórica do socialismo revolucionário ou da engenharia social do Estado-providência, na busca pela sua visão de «meritocracia» em que o conhecimento e a capacidade técnica conferem poder. Este pode apresentar-se como parte da «vanguarda revolucionária», abrindo caminho para uma nova sociedade, ou como perito técnico, aplicando «tecnologia parcelar» na administração de uma sociedade que pode ir de encontro aos seus problemas, sem alterações fundamentais. Para alguns, a escolha pode estar dependente apenas da apreciação do poder relativo das forças sociais em competição. Não é, então, surpreendente que os papéis se invertam frequentemente; o estudante radical torna-se o perito em contrain-surgência. As suas pretensões devem, em qualquer dos casos, ser encaradas com desconfiança: ele está a propor a ideologia egoísta de uma «élite meritocrática» que, nas palavras de Marx (aplicadas, neste caso à burguesia), define «as condições especiais da sua emancipação [como] as únicas condições *gerais* capazes de salvar a sociedade moderna». A incapacidade de apresentar uma justificação fundamentada ajuda a confirmar estas suspeitas.

Há muito tempo, Kropotkin constatou que «o radical moderno é um centralista, um partidário do Estado, um jacobino de corpo e alma; o socialista segue-lhe as pegadas».¹¹ Ele está, em larga medida, correto em ecoar desta forma o aviso de Bakunin de que o «socialismo científico» pode ser, na prática, transformado no «domínio despótico das massas laborais, por parte de uma nova aristocracia, pequena em número, composta por supostos peritos, nem todos legítimos»¹², na burocracia vermelha» que se tornaria «a mentira mais infame e terrível que o nosso século criou».¹³ Os críticos ocidentais não hesitaram em apontar como a liderança bolchevique assumia o papel delineado na crítica anarquista¹⁴ — como foi, de facto, detetado por Rosa Luxemburgo¹⁵ alguns meses antes do seu

assassinato pelas tropas do governo socialista alemão, há exatamente meio século.

A crítica de Rosa Luxemburgo ao bolchevismo era solidária e favorável, mas incisiva e carregada de sentido para os atuais intelectuais radicais. Catorze anos antes, em *Leninismo e Marxismo*¹⁶, criticou os princípios organizacionais do Leninismo, argumentando que «nada irá escravizar um jovem movimento laboral a uma elite intelectual esfomeada por poder como este colete de forças burocrático, que imobilizará o movimento, tornando-o num autómato manipulado pelo Comité Central». Luxemburgo viu com grande precisão estas tendências para a centralização autoritária numa fase inicial da revolução bolchevique. Ela examinou as condições que conduziram a liderança bolchevique ao terror e ditadura por parte de «uma pequena minoria dominante em nome de toda uma classe», uma ditadura que sufocava em vez de contribuir para «a crescente formação política das massas», e alertou contra o fazer da necessidade uma virtude e transformar a prática autoritária num modelo de governação da nova elite. As instituições democráticas têm os seus defeitos: «Mas o remédio que Trotsky e Lenine¹⁷ encontraram, a eliminação da democracia enquanto tal, é pior do que a doença que se espera que cure, pois acaba com a única fonte viva capaz de corrigir as falhas congénitas das instituições sociais. Essa fonte é a vida política ativa, livre e enérgica da população.»

A não ser que toda a população participe na determinação de todos os aspetos da vida política e social, a não ser que a nova sociedade floresça da sua própria experiência criativa e ação espontânea, será apenas uma nova forma de repressão. «Dos seus gabinetes oficiais, uma dúzia de intelectuais decretará o socialismo», quando, na realidade, este «exige uma completa transformação espiritual das massas, corrompidas por séculos de domínio burguês», uma transformação que só será possível com instituições que expandam as liberdades da sociedade burguesa. Não existe uma receita específica para o socialismo: «Somente a experiência pode corrigir e abrir

novos caminhos. Só a vida desobrigada e efervescente se enquadra em inúmeras novas formas e improvisações, revela a força criativa, corrige todas as tentativas falhadas.»

O papel dos intelectuais tem, então, de ser o de aferir e avaliar, de tentar persuadir, organizar, mas não o de tentar tomar o poder e liderança. «Historicamente, os erros cometidos por um movimento verdadeiramente revolucionário são infinitamente mais profícuos do que a infalibilidade do Comité Central mais astuto.»¹⁸

Estas observações são um guia útil para o intelectual radical. Fornecem um antídoto refrescante contra o dogmatismo típico do discurso de esquerda, com as suas certezas áridas e fervor religioso referentes a assuntos mal dominados — a esquerda auto-destrutiva, equivalente da presunção superficial dos defensores do *statu quo*, que têm tanta consciência do seu compromisso ideológico quanto os peixes têm da sua condição aquática.

Seria útil, ainda que fora dos limites desta discussão, rever, por um lado, a interação entre os intelectuais radicais e a *intelligentsia* técnica e, por outro, as organizações de base popular, em situações revolucionárias e pós-revolucionárias. Tal investigação pode demonstrar que a experiência bolchevique e a ideologia da tecnocracia liberal se encontram num dos extremos, visto estarem unidas na crença de que as organizações de massas e a política popular devem ser afundadas.¹⁹ O outro extremo pode lidar com a revolução anarquista em Espanha entre 1936 e 1937 — e a resposta que obteve dos intelectuais liberais e comunistas.²⁰ Igualmente relevante seria a relação que se desenvolveu entre o Partido Comunista e as organizações populares (conselhos de trabalhadores e governos das comunas) na atual Jugoslávia²¹ e a relação de amor-ódio entre os quadros do partido e as associações de camponeses, que faculta a tensão dramática para o relato brilhante por William Honton de um momento da revolução chinesa.²² Poderia tirar partido da experiência da Frente Nacional de Libertação, como descrita por Douglas Pike em *Vietcong*²³ e outras fontes mais objetivas²⁴, e de muitos outros relatos documentais relativos aos desenvolvimentos em Cuba.

A relevância destes casos para os problemas de uma sociedade industrial avançada não deve ser exagerada, mas penso não haver dúvida quanto ao que é possível aprender com eles, não só no que toca à viabilidade de outras formas de organização social²⁵, como nos problemas que surgem quando intelectuais e ativistas tentam associar-se à política de massas.

É importante referir que os resquícios da esquerda não bolchevique do pós-Primeira Guerra Mundial ressoaram e aguçaram a crítica da «vanguarda revolucionária» dos intelectuais ativistas. O marxista holandês Anton Pannekoek²⁶ explica «o propósito do Partido Comunista — que apelava à revolução mundial» da seguinte forma: «trazer ao poder, através da força de combate dos trabalhadores, um conjunto de líderes que, por sua vez, estabelecerão uma produção planificada, por meio do Poder do Estado». E continua:

Os ideais sociais que crescem nas mentes da classe intelectual, agora que sentem a sua importância cada vez maior no processo de produção: um planeamento da produção bem organizado, para usar sob a direção dos peritos técnicos e científicos — não divergem muito [dos da liderança bolchevique]. Portanto, o Partido Comunista vê esta classe como um aliado natural, que tem de atrair para o seu círculo. Através de uma propaganda teórica capaz, este tenta afastar a *intelligentsia* das influências espirituais da burguesia decadente e do capitalismo privado, para assim a conquistar para a revolução, que a colocará no seu lugar devido, como nova classe dirigente... eles vão intervir e assumir um papel de liderança na revolução, nominalmente para prestar auxílio através da participação na luta, na realidade para desviar a ação dirigida aos seus objetivos políticos. Quer a burguesia derrotada tente ou não correr em auxílio do capitalismo, ou do que restar dele, a sua intervenção consiste essencialmente no engano dos trabalhadores, afastando-os do caminho para a liberdade... O Partido Comunista, apesar de poder perder terreno junto dos

trabalhadores, tenta criar uma frente unida com os socialistas e a classe intelectual, pronta para, ao primeiro sinal de uma crise do capitalismo, tomar o poder sobre e contra os trabalhadores... Assim, a classe trabalhadora, guiando-se pelo marxismo, irá ver o trabalho filosófico de Lenine como um obstáculo no seu caminho, visto ser uma teoria que perpetua a servidão desta classe.²⁷

E no Estado social do pós-guerra ocidental, a *intelligentsia* tecnicamente habilitada também aspira a posições de controlo, nas sociedades capitalistas emergentes, onde o poderoso Estado está ligado, de forma complexa, a uma rede de corporações, que estão em vias de se tornar instituições internacionais. Eles aguardam com interesse «uma produção bem organizada, para uso sob a direção dos peritos técnicos e científicos» naquilo que descrevem como uma «sociedade pós-industrial tecnocrática» em que «a plutocracia preeminente é desafiada pela liderança política que, por sua vez, se encontra cada vez mais impregnada de indivíduos com competências especiais e talentos intelectuais», uma sociedade onde «o conhecimento se torna num instrumento de poder e a mobilização eficaz de talento numa bela forma de o adquirir».²⁸

As palavras críticas de Bourne quanto à traição dos intelectuais fazem, então, parte de um quadro analítico mais alargado. Além disso, a sua perceção do papel ideológico da mobilização para a guerra já foi comprovada pelos acontecimentos. Quando Bourne escreveu o seu texto, os Estados Unidos eram já a maior sociedade industrial do mundo — na década de 1890, a sua produção industrial já igualava a do Reino Unido, da França e da Alemanha em conjunto.²⁹ A guerra apenas reforçou a sua posição de superioridade económica. Os Estados Unidos da América emergiram da Segunda Guerra Mundial enquanto potência mundial dominante. A mobilização nacional para a guerra permitiu a criação de meios para escapar à estagnação económica dos anos 30 e proporcionou uma visão mais clara da economia. Nas palavras de Chandler: